



IGREJA VIVA

SEXTA-FEIRA • 26 DE DEZEMBRO DE 2014

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30537
de 26 de Dezembro de 2014, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

ESPECIAL NATAL

“A ELOQUÊNCIA DA ACÇÃO”: MENSAGEM DE NATAL DE D. JORGE ORTIGA

A sociedade moderna está marcada pela palavra. Fala-se para comunicar, exigir, criticar, denunciar, propor, reclamar. Fala-se presencialmente, com calma ou gritando, ou virtualmente, escondendo o rosto ou a identidade. São diversas as ocasiões e as modalidades para usar da palavra oportuna ou inoportunamente.

O Natal, por sua vez, é tempo de contemplar, de “tomar conta da Palavra para que Ela tome conta de nós”. A Palavra com letra maiúscula ou, se preferirmos, o Verbo que se fez homem e veio habitar connosco (cf. Jo 1, 14). O nascimento de Cristo significa, por isso, o apelo a uma palavra diferente da nossa parte. Uma palavra vinculada a Cristo, inspirada nos gestos e nas acções que Ele realizou, uma palavra que seja testemunho para a sociedade.

Neste período natalício, como gostaria de verificar que as palavras dos políticos não fossem mero balbuciar de sons sem correspondência existencial. Como seria bom que a comunicação social não se vendesse a interesses mas optasse coerentemente pela verdade. Como o mundo seria diferente se a transparência permeasse os diálogos das



peçoas. O Natal exige que as palavras tenham correspondência com acções. As palavras valem se tiverem suporte nas obras. As obras são a linguagem que todos entendem. Obras de amor e de justiça precisam-se! Deixemos, então, que elas falem e a sociedade será outra.

Que o nosso olfacto seja sensível aos odores vindos dos mais diversos dramas da humanidade. Que as nossas mãos toquem as mãos de quem sofre e espera respostas. Que a nossa vida se identifique com a vida do próximo e as suas interpelações.

Tocados pela necessidade de agir para o bem dos outros, sejamos o “abraço de Deus” que restitui a dignidade humana e dá resposta às mais variadas necessidades materiais e espirituais, particularmente àquelas que surgem de improviso.

† D. Jorge Ortiga, Arcebispo Primaz

PAPA FRANCISCO CONVIDA A NATAL “VERDADEIRAMENTE CRISTÃO”



A reflexão que o Papa Francisco fez no Vaticano, perante milhares de pessoas reunidas na Praça de São Pedro, centrou-se num humilde convite: que todos sejam capazes de viver um Natal “verdadeiramente cristão”, menos centrado em aspectos exteriores e supérfluos. O Santo Padre deixou ainda votos de esperança, “alegria e fraternidade” para acompanharem a celebração.

“Confiemo-nos à intercessão da nossa Mãe e de São José para viver um Natal verdadeiramente cristão, livres de toda a mundanidade, prontos a acolher o Salvador, o Deus connosco”, afirmou, perante a vasta assembleia que aguardava a recitação do *Angelus*.

Tendo como pano de fundo a tradicional decoração, constituída pela árvore e por um presépio em tamanho real, Francisco aludiu ao nascimento de Jesus “no coração de cada cristão”.

“Cada um de nós é chamado a responder, como Maria, com um “sim” pessoal e sincero, colocando-se totalmente à disposição de Deus e da sua misericórdia, do seu amor”, sublinhou.

O Sumo Pontífice afirmou ainda que Jesus

“passa” e “bate à porta” do coração de cada um, enviando muitas vezes um anjo.

“Quantas vezes não nos apercebemos, porque estamos presos, mergulhados nos nossos pensamentos, nos nossos assuntos e até mesmo, nestes dias, nos nossos preparativos de Natal”, alertou.

De acordo com o Papa, quando o desejo de “ser melhor” se faz sentir, é “o Senhor que bate à porta”, impelindo dessa forma “a vontade de estar mais perto dos outros, de Deus”.

“Se sentes isso, pára. É o Senhor que está aí. Vai rezar, talvez à Confissão, limpar um pouco... isso faz bem. Lembra-te: se sentes esta vontade de melhorar, É ele que bate à porta, não o deixes ir embora”, reiterou.

O Santo Padre referiu ainda o exemplo de Maria e José, que foram capazes de “acolher com total abertura de espírito Jesus”, que veio ao mundo para trazer “o dom da paz”.

“O dom precioso do Natal é a paz e Cristo é a nossa verdadeira paz. Cristo bate à porta dos nossos corações para dar-nos a paz, a paz de espírito. Abramos as portas a Cristo”, rogou.

Após a recitação do *Angelus*, Francisco voltou a fazer o mesmo apelo, pedindo aos presentes que estivessem atentos ao “Senhor que passa” neste Natal.

ROTEIRO DE PRESÉPIOS

FOTOGRAFIAS: AVELINO LIMA

Presépio de Garfe



Presépio de Priscos



Esta é já a 13ª edição de “Garfe, aldeia dos presépios”, que se prolonga até dia 5 de Janeiro. Ao todo, são 15 as construções dispersas pelos vários lugares da aldeia e construídos pelos respectivos moradores. Este ano a novidade diz respeito a uma exposição que complementa os presépios: trata-se de uma colecção privada, constituída por cerca de 500 presépios, do pároco da freguesia, padre Luís Fernandes. Se já visitou Garfe, com certeza não esqueceu o programa alternativo que a organização preparou, a começar pela apresentação da encenação teatral “Uma prenda de Natal”, coordenada pelo Theatro Club, a 14 de Dezembro. Por agora ainda tem tempo para fazer silêncio no dia 27 enquanto assiste à “Noite de Fados”. Dia 3 de Janeiro pode aproveitar e assistir ao Encontro Musical da Aldeia dos Presépios.

O presépio de Priscos é um presépio ao vivo onde cerca de 600 figurantes dão vida ao tempo de Jesus. Visitar o presépio é fazer uma viagem através da história: ferreiros a forjarem o ferro, o oleiro a amassar o barro, os pastores com rebanhos... Uma representação fiel e autêntica da época, aromatizada com incenso, hidromel e ervas aromáticas. Trata-se de um espaço com cerca de 30.000 m2 e com mais de 60 cenários, com referência às culturas egípcia, judaica e romana. A grande novidade deste ano é a Torre de Babel e uma grande Arca. Para além disso, este ano o Presépio de Priscos contou com a integração de reclusos do Estabelecimento Prisional de Braga, que também ajudaram à sua preparação. O presépio pode ser visto até ao dia 11 de Janeiro.

Presépio do Vaticano

Todos os anos, o presépio na Praça de S. Pedro conta com novos elementos de diferentes proveniências. Este ano, a árvore de Natal, com 25 metros de alturas, veio de Catanzaro, na região italiana da Calábria, a cerca de 500km de Roma. A árvore tem a particularidade de ter um tronco “gémeo”, ou seja, dois troncos unidos. O Presépio tem como título: “O Presépio da Ópera” e nasceu da colaboração entre a Fundação “Verona per l’Arena”, Fundação “Arena di Verona” e a Diocese de Verona. A obra inspira-se numa apresentação cénica da ópera lírica do século XIX “Elisir d’amore”, de Gaetano Donizetti. Tem uma vintena de figuras de barro com a grandeza natural e materiais de vestuário e acessórios resistentes à intempérie. A estrutura tem quase 24 metros de comprimento e 12 de largura e uma altura máxima de 12 metros.

DAVIDIM, AQUELE NATAL

TEXTO: LUÍS DA SILVA PEREIRA
ILUSTRAÇÕES: ROMÃO FIGUEIREDO



O Natal já vinha vindo. Via-se nas árvores, só rijos ramos e varas, muito desenhadas a escuro na cor clarinha do céu azul gelado, que fazia doer os dedos, o nariz e as orelhas. Da boca já vaporavam fuminhos, soprados e brancos, como das chaminés. Manhãs muito frias mesmo e as noites fechavam cedo. Os sons ouviam-se diferentes, as sirenes dos galos, o vozeirão dos cães, o chilreadinho dos pardais, inquietos e muitos, repululando no chão ou pousados nos galhinhos dos ciprestes. Até as sinetas das capelas tangiam claríssimas. Atravessavam os ares de vidro e dindavam nos ouvidos. Pareciam palavras: - Tem lêndas...Tem lêndas...Tem lêndas... E Davidim, parece que imitando, ia por esses campos fora, flauta na boca, esguichando melodias. A terra toda cantava uma linda canção universal, pura, solitária e nova, subindo até às altas nuvens. Desde que aprendera, Davidim tocava sempre. Na sala de jantar, deitado pelo chão, perna cruzada, na cozinha, enfim, saía e entrava em

casa flauteando. Até à noite na cama. E julgo que até em sonhos. Gostava de encher tudo de alegria. Era o Natal que vinha vindo. Já escrevera cartas: "Menino Jesus, muitos beijinhos para ti, para a tua mãe, S. José e os anjos todos". Seguiu-se a lista dos pedidos. Carteavam-se. O Menino respondia em cartões de certa letra onde passavam camelos com reis em cima, um deles preto, em direcção à cabana, e as estrelas arrastavam pelo ar cordões dourados. Nevava. Caíam bilros alvíssimos com poeirinhas de prata. O chão cobria-se de neve e ringia, se a pisavam. Punha carapuças exactas nos coruchéus das igrejas. Davidim, nessa altura, não sabia, mas depois, anos passados, reparou que a letra era igualzinha à do pai, nos cartões guardados, essas mensagens que ficaram da inocência, trazidas pelos anjos, os carteiros. Do muito pouco dos presentes tirava Davidim grandes surpresas. Um chocolate bastava, um ovo, um sino, embrulhados em pratas cintilantes, um carrinho de corda que fugia como

um rato para debaixo da cama e topava nos rodapés, um elefante que fazia sim com a cabeça, Sobressaltos de prazer porque vinham do céu e apareciam, de repente, na manhã, frente ao presépio, à espera dele, parados. Coisas mágicas, a maravilha ali mesmo, palpável, no sapato, realidade a sério. Faltavam poucos dias. Já desembrulhara S. José e a Senhora Mãe, o Menino nuzinho, a vaca amarela, o burro cinzento, todo o rebanho lãzudo, os pastores de crossas e cajados e muitos gestos de oferendas. Os Reis Magos todos três que vinham do Oriente. Casinhas, pontes, moinhos, o castelo de Herodes, fontes, lagos, muitos patos, a estrela que rebrilhava. Precisava agora de musgo para forrar os montes de jornal, os pastos e as quebradas, onde iria desenhar longos carreirinhos de serrim que levavam até Deus. Pegou no cesto e na flauta e saiu com o primo, à procura. Era de tarde e sol. Nas pedras é que

havia! Escavando por baixo com os dedos, ia arrancando largas postas verdes, grossos talhões com cheiros de terra e chuva, remendos que os penedos vestiam no Inverno. E foi aí, precisamente, em cima de uma dessas fragas, que o primo lhe revelou: - Sabes, não é nada o Menino Jesus que põe as prendas... Davidim parou, de repente, fulminado. Não se mexeu mais. Qualquer coisa estalou nele. - Então quem é? - São os pais. - Como é que sabes? - Fiquei acordado e vi. O coração de Davidim sentiu uma pancada, como se marras lhe batessem. Abriu sangue, partiu, desmoronou. Ficou a gemer, tremendo, esmagado pelo golpe. Contorcia-se. Era a dor e o silêncio, dentro. Ouviu-se um grito de milhafre que picava sobre garnisés desprevenidos. Nuvens taparam o sol e Davidim



Ficava ali para sempre, ao pé do seu desgosto, naquela sozinhição, se o não chamassem de longe. Ergueu-se, pegou no cesto e na flauta, os buraquinhos calados, e regressou lentamente, mais só que só. Sozinho.

Foi ter com o pai, para saber. Mas uma desconfiança, um desamor ressentido, impedia-o de falar. O pai reparou naqueles olhos ofendidos de sombras.

- Que tens, filho?

- Pai, não é o Menino Jesus que põe as prendas?

Era chegado o momento. Pegou nele ao colo e explicou-lhe os segredos, as mãos de Deus agindo nas dos pais, o

trabalho, a saúde, o amor que Ele põe nos corações e leva os homens a dar. Que as prendas significam o grande presente que Deus dá, o Menino, o seu Filho. É Ele, é, que põe as prendas, a linda verdade da infância. Davidim não compreendeu, mas foi ouvindo. Não recuperou a alegria que andava longe, muito fugida. Ele queria mesmo é que o Menino viesse em pessoa, numa roda de amigos anjos, entrasse no quarto e pusesse lá as coisas.

E na secreta, mansa noite, aquela, depois do pelo-sinal, tentou fazer como o primo. Manteve-se acordado

muito tempo, à espera de um deslizar qualquer, da mais mínima canção que não fosse nem de vento nem de chuva. E então, a certa altura, Davidim viu um menino, de longo manto azul. Atravessou os vidros da janela, sem os partir, rodeado de anjos, voando como pássaros, soprando flautas e flautins e batendo pandeiretas donde chispavam estrelas. Poisou no chão, depôs no sapatinho a prenda e regressou numa estradinha de luar. E já lá fora, suspenso, quando reparou que Davidim o espreitava, encostou o rosto aos vidros e disse adeus, longamente.



experimentou uma qualquer grande saudade, as coisas que se ausentam e fica só o coração lembrando. A tarde embaciou-se. Anoitecia.

Eu acho. Naquele momento, Davidim deixou de ser. Ficou parado e mudo, olhando os longes, os nadas que não via. Uma primeira nostalgia subiu-lhe para a garganta, apertou e fez doer. Davidim chorava, soluçando, como o corguinho em fiapos, gorgolando sobre os seixos, entre os salgueiros, ao pé, cheios de ninhos velhos e desabitados.

É. Davidim, subitamente, envelheceu um tanto depressa de mais, que é quando uma ilusão acaba e parece que o mundo esfria e se reduz, mais pequeno. Há menos coisas a ver, e as que sobram já não rebrilham tanto nem são tão novas já.

Zangado com tudo e com todos, fincou o queixo nos joelhos e abraçou-se às pernas, só sentindo, sem nenhuma palavra, sem nenhuns pensamentos, inteiramente triste.

SAGRADA FAMÍLIA

DE JESUS, MARIA E JOSÉ

PALAVRA

“HÁ-DE CHAMAR-SE NAZARENO”

ATITUDE DE VIDA

Paixão pela pessoa humana. Esta semana vamos esforçar-nos por considerar positivamente cada pessoa que se encontre connosco, tendo em particular consideração os de casa. Vamos ter um gesto alegre que faça sentir bem as pessoas que se aproximarem de nós nas mais variadas circunstâncias.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Gen 15, 1-6; 21, 1-3

Leitura do Livro do Génesis

Naqueles dias, foi dirigida a Abrão a palavra do Senhor numa visão: “Não temas, Abrão: Eu sou o teu escudo; será grande a tua recompensa”.

Abrão respondeu: “Senhor, meu Deus, que me dareis? Vou partir desta vida sem descendência e o herdeiro da minha casa é Eliezer de Damasco”. E continuou: “Vós não me destes descendência e um servo nascido na minha casa é que será o meu herdeiro”. Então a palavra do Senhor foi-lhe dirigida nestes termos: “Não é ele que será o teu herdeiro; o teu herdeiro vai ser alguém nascido do teu sangue”. Deus levou Abrão para fora de casa e disse-lhe: “Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar”. E acrescentou: “Assim será a tua descendência”. Abrão acreditou no Senhor, o que lhe foi atribuído em conta de justiça. O Senhor visitou Sara, como lhe tinha dito, e

realizou nela o que prometera. Sara concebeu e deu um filho a Abraão, apesar da sua velhice, na data marcada por Deus. Ao filho que lhe nasceu de Sara deu Abraão o nome de Isaac.

LEITURA II Hebr 11, 8.11-12.17-19

Leitura da Epístola aos Hebreus

Irmãos: Pela fé, Abraão obedeceu ao chamamento e partiu para uma terra que viria a receber como herança; e partiu sem saber para onde ia. Pela fé, também Sara recebeu o poder de ser mãe já depois de passada a idade, porque acreditou na fidelidade d’Aquele que lho prometeu. Por isso, de um só homem – um homem que a morte já espreitava – nasceram descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e inumeráveis como a areia que há na praia do mar. Pela fé, Abraão, submetido à prova, ofereceu o seu filho único, Isaac, que era o depositário das promessas, como lhe tinha sido

dito: “É por Isaac que terás uma descendência com o teu nome”. Ele considerava que Deus pode ressuscitar os mortos; por isso ele recuperou o filho como uma figura.

EVANGELHO Lc 2, 22.39-40

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Ao chegarem os dias da purificação, segundo a Lei de Moisés, Maria e José levaram Jesus a Jerusalém, para O apresentarem ao Senhor. Cumpridas todas as prescrições da Lei do Senhor, voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré. Entretanto, o Menino crescia, tornava-se robusto e enchia-Se de sabedoria. E a graça de Deus estava com Ele.



laboratório fé

LEVANTA OS OLHOS PARA O CÉU E CONTA AS ESTRELAS,
SE AS PUDERES CONTAR

ANO B – SAGRADA FAMÍLIA – 2014

ARRANJO FLORAL

_MATERIAL: Sagrada Família: a família é vida e beleza em construção (blocos de pedra sobrepostos) constante e firme. A transparência habitada pela Graça, os elementos diferentes (solitário com as três flores brancas), a paz como dom a prevalecer e a esperança a rodear (giestas verdes em torno do solitário) a lógica do pensamento e da vontade de todos; eis o simbolismo. Podemos também fazer proliferar mais o elemento “flor branca”.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENT:** Cantemos com alegria IC 104; NRMS 24
- **SALMO RESP:** Ditosos os que temem o Senhor...
- **A. DONS:** Anjos e pastores IC 99, NRMS31
- **COM:** O Verbo fez-se carne, IC 122; NRMS 47 e 52
- **PÓS COM:** Não temas Maria, F. Silva, NRMS 95-96 (IC 834)
- **FINAL:** Vamos a Belém, IC 129; NRMS 4

REFLEXÃO

Fé, fidelidade, confiança: são palavras com significados muitos próximos (“acreditar”, “dar crédito”). Estas atitudes estão bem expressas nos textos bíblicos propostos para a festa da Sagrada Família de Jesus, Maria e José (Ano B). São características de Deus (salmo) que também devem ser características do crente, do cristão: Abraão é, por isso, o pai dos crentes ou o seu modelo (primeira leitura); a Carta aos Hebreus evoca os frutos dessa fé (segunda leitura). Quanto a Maria e a José, são fiéis Àquele que é o autor das leis (evangelho) e totalmente disponíveis à sua graça...

“Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar”

A primeira leitura coloca-nos perante a escuridão da noite de Abr(a)ão e de Sara: um casamento sem filhos para os amparar na velhice e dar continuidade à família. Por isso, Abraão fala com Deus para expor a sua situação. Ao mesmo tempo, confia numa promessa divina que parece impossível. É o testemunho de uma fé pura. Entretanto, Deus responde-lhe com um desafio: “Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas, se as puderes contar”. O Deus de Abraão é paradoxal: as pessoas não podem contar as estrelas; mas podem acreditar. Deus promete, e cumpre. Abraão passa à história como modelo para todos os crentes. Sim, a humildade crente de Abraão faz parte da história religiosa da humanidade. Abraão acredita e espera; Deus promete e cumpre. A fé expressa a nossa disponibilidade para acolher a fidelidade de Deus (estamos a

celebrar o Natal, isto é, o cumprimento mais surpreendente da fidelidade divina). É muito mais do que ter uma ideia clara sobre Deus (o seu ser e o seu agir). A fé faz-nos entrar no campo da experiência, uma experiência não raras vezes salpicada de dúvidas. Abraão, por cima de todas as razões humanas que o podiam levar a colocar em dúvida as palavras de Deus, acreditou. A sua confiança deslocou-se do crédito às suas dúvidas razoáveis para as palavras de Deus. Esta é a experiência mais autêntica que se pode ter de Deus. Só num clima de fé é que a palavra de Deus se converte em “recompensa”, se transforma em realidade, se aproxima da verdade, se experimenta como fidelidade. O capítulo onze da Carta aos Hebreus é um testemunho vibrante da importância da fé (vivida) na relação com Deus. No livro do Génesis, primeiro está a fé e só depois a narração do nascimento do filho Isaac. A criança recém-nascida é a revelação do amor e da fidelidade de Deus. A família converte-se em sinal da fé humana e do amor divino.

“A fé nasce no encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente a vida. Transformados por este amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada orientando os nossos passos no tempo” (Francisco, Carta Encíclica sobre a fé — “Lumen Fidei”, 4).

ADMONIÇÃO INICIAL

A família e a sua grandiosidade!
É isso que celebramos hoje, contemplando a simplicidade e a pobreza nobre da Sagrada Família de Nazaré!
Hoje, Jesus, Maria e José provocam o nosso olhar para que vejamos, de forma construtiva, as diferenças e a riqueza da complementaridade, querida e abençoada por Deus!
Deus é família e quer fazer-nos sentir família muito amada. Vai dar-nos graça e alento para fazermos transparecer a Sua presença na nossa vida familiar.
Somos família sagrada a celebrar as maravilhas, os dons de Deus!
Louvamos o Senhor pela nossa família e pedimos para ela a Sua bênção!

EUCOLOGIA

Festa da Sagrada Família, Missal Romano, p. 143 e seguintes.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos Irmãos e irmãs:

Por intercessão de Maria e de José, peçamos a Deus que faça crescer em sabedoria e em graça os membros de todas as famílias, dizendo (ou: cantando), com alegria:

R. Protegeí, Senhor, todas as famílias.

(Pode ser feita, nas várias intenções por uma família, pais e filhos)

1. Pelos avós que procuram ser profetas de Jesus e, a exemplo de Ana e Simeão, falam d’Ele a seus netos e a toda a gente, oremos, irmãos.

2. Pelos pais que consagram ao Senhor os seus filhos, os seus lares e as suas vidas, como José e Maria, pais de Jesus, oremos, irmãos.

3. Pelas crianças que pensam nos meninos abandonados, com fome, maltratados e sem amor, e agradecem a Jesus os pais que têm, oremos, irmãos.

4. Por todos os jovens namorados que sabem amar-se e respeitar-se mutuamente e se opõem ao paganismo que os rodeia, oremos, irmãos.

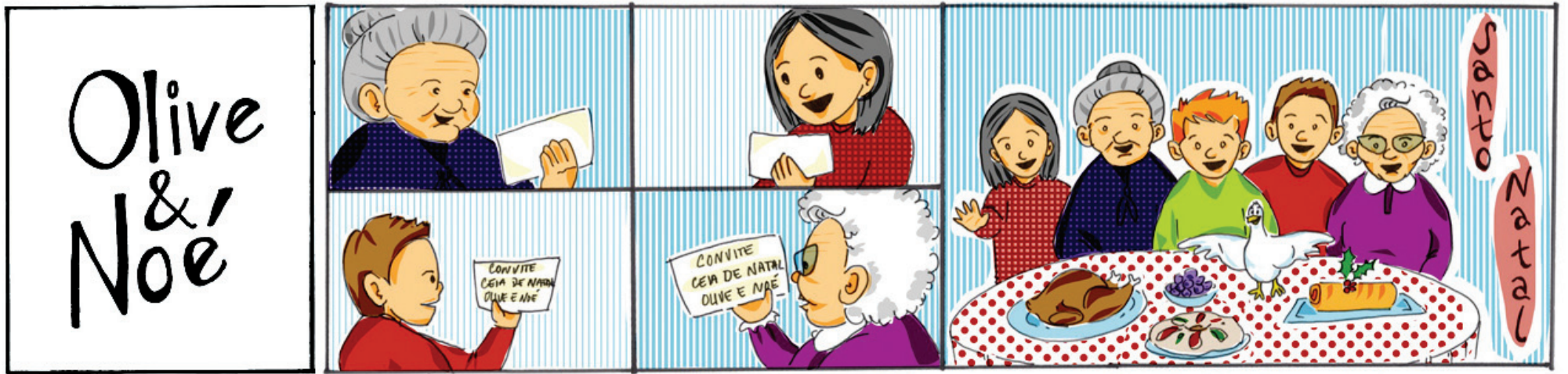
5. Por todos os cristãos da nossa comunidade (paroquial) que pensam naqueles para quem o ano foi difícil e se empenham em acções de entreeajuda, oremos, irmãos.

6. Por toda a nossa Arquidiocese de Braga que encontra nas famílias o melhor ambiente para a “fé vivida” e por todos os desempregados que vivem no desânimo por falta de perspectiva de realização e de trabalho, oremos, irmãos.

7. Por todos os nossos familiares falecidos que, desejamos, estejam na paz e no amor eterno em companhia da Sagrada Família, oremos, irmãos.

Pai de bondade e de amor, fazei com que, nas famílias deste mundo, os maridos amem as esposas, as esposas sejam o sol de cada lar e os filhos vivam em Jesus Cristo, vosso Filho.

Ele que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.



BOLINHOS DE ABÓBORA COM FRUTOS SECOS (BOLINHOS DE JERIMU)



Ingredientes

- 500g / abóbora cozida
- 2 / gemas
- 130g / frutos secos (nozes, passas, avelãs, pinhões)
- 150g / açúcar
- 4 colheres / de farinha maizena e óleo para fritar



Modo de preparação:

1. Comece por cozer a abóbora de um dia para o outro para que esta fique bem escorrida (ou mais leve).
2. Num recipiente envolva a massa da abóbora com as gemas, o açúcar, a farinha e, por fim, os frutos secos.
3. Com o auxílio de uma colher de sopa retire pequenas porções de massa e frite em óleo não muito quente para não queimar.
4. Depois de fritas as porções, passar por açúcar e canela (misturados) e regar com Vinho do Porto.

Ascensão Morais

NO LUZEIRO DE AMOR EM SEU REDOR

Simples e fofo como sempre vem
Vestido de branco e com o pé ao leu
Vem doutra Pátria, vem sempre por bem
Descendo à minha terra, lá do Céu.

Nobre de nudez pobre e pequeninho
Vem como os outros bebés de Belém
Lança gemidos, brinca ao farrapinho
Joga na dança que nos entretém.

Veio e vem no carrocel da vida
De quantos cantam loa eloquente
O motete divino salvador.

Veio e vem na história prometida
De quantos pensam de forma persistente
No Luzeiro de amor em seu redor.

NATAL DE BARCO

Foi num barco de tábuas que eu nasci,
Num mar de ondas turvas e agitadas;
Mas, por milagre, nunca percebi
Terror e guerras desencadeadas.

No barco da família prossegui
Com as trevas da noite alumiadas
E a fé no Deus Menino recebi
Em figuras de barro desenhadas.

Que linda era a pobreza do Natal
Rasgando todo o frio e todo o mal
No aconchego humano que é divino!

Dentro de mim vai o Presépio antigo:
Jesus ao leme a navegar comigo
No barco que me deu quando menino.

José Lima

Valdemar Gonçalves

AGENDA

26.12.2014

**SEMANA BÍBLICA
DE BARCELOS**

21h00 / Arcozelo

27.12.2014

**EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA
TIAGO ESTRADA**

17h00 / Museu Nogueira da Silva

28.12.2014

**QUEBRA NOZES - COMPANHIA
NACIONAL DE BAILADO**

16h00 / Centro Cultural Vila Flor

**INAUGURAÇÃO PRESÉPIO
MOVIMENTADO SOBREPOSTA**

10h00 / Salão Paroquial

01.01.2015

DIA MUNDIAL DA PAZ



Faça um Like



Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Diretor: Damião A. Gonçalves Pereira

Coordenação: Departamento Arquidiocesano da
Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo
Terroso, Eduardo Madureira, Ana Pinheiro, Flávia
Barbosa, Joana Araújo)

Design: Romão Figueiredo

Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho

Contacto: comunicacao@diocese-braga.pt